

HIPPIES OU MALUCOS DE ESTRADA: A PRESENÇA DE ARTISTAS IMIGRANTES NAS RUAS DA PRAIA DE CANOA QUEBRADA, CE¹.

Fernanda Luísa Correia Cavalheiro Mendes²
Yara Ketlin Silva Lima de Freitas³

RESUMO: Esse trabalho propõe a reflexão sobre a migração de mulheres estrangeiras que trabalham com arte nas ruas da praia de Canoa Quebrada, CE. E teve por objetivo compreender os processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a este grupo, seu cotidiano de vida e as condições sociais em que vivem. A metodologia de pesquisa pautou-se num estudo qualitativo realizado através de entrevistas não estruturadas com cinco mulheres estrangeiras. As entrevistas apontaram que as imigrantes são oriundas de países da América do Sul, que muitas vêm ao Brasil de passagem, como viajante, mas que por um motivo ou outro acabam ficando. Canoa Quebrada por ser conhecida internacionalmente por suas belezas naturais, torna-se rota dessas artistas, como imigrante e geralmente irregulares enfrentam grandes dificuldades.

Palavras-chave: artista; imigrante; trabalho; rua.

Resumen: Este trabajo propone una reflexión sobre la migración de mujeres extranjeras que trabajan con arte en las calles de la playa de Canoa Quebrada, CE. Y tuvo como objetivo comprender los procesos sociales aún poco conocidos sobre este grupo, su vida cotidiana y las condiciones sociales en las que vive. La metodología de investigación se basó en un estudio cualitativo realizado a través de entrevistas no estructuradas con cinco mujeres extranjeras. Las entrevistas mostraron que los inmigrantes provienen de países sudamericanos, que muchos vienen a Brasil como viajero, pero que por una razón u otra terminan quedándose. Canoa Quebrada por ser conocida internacionalmente por su belleza natural, se convierte en la ruta de estos artistas, como inmigrantes y generalmente irregulares, enfrentan grandes dificultades.

Palabras llave: artista; inmigrante; trabaja; camino.

INTRODUÇÃO

Apesar da grande quantidade de direitos formais reconhecidos pelos diversos ordenamentos jurídicos nacionais, ainda encontramos grupos sociais que acabam se vendo privados de direitos essenciais, inerentes à condição humana.

O homem é um ser social e gregário. Não obstante, é certo que ele não se fixa definitivamente ao lugar onde nasce. São constantes, na história da humanidade, as migrações empreendidas por grupos humanos na busca de melhores condições de vida. Em cenário de globalização essa questão fica ainda mais evidenciada.

¹ Artigo baseado no estudo realizado pelo projeto de extensão “Serviço Social e Movimentos Sociais” do curso de Serviço Social da FVJ.

² Fernanda Luisa Correia Cavalheiro é Assistente Social e Pedagoga, especialista em Políticas Públicas e Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), atualmente é coordenadora e docente do curso de Serviço Social da Faculdade do Vale do Jaguaribe-FVJ: cavalheiro.ferna@gmail.com.

³ Bacharel em Serviço Social pela Faculdade do Vale do Jaguaribe. Especialista em Serviço Social, Seguridade Social e Política Social, pela POTERE. Docente na Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ), no curso de Serviço Social e Administração. Coordenadora do Núcleo de Estágios e Relações com o Mercado FVJ. E-mail: yara.freitas@fvj.br

O Brasil tem recebido todos os anos milhares de imigrantes, sendo que, a exemplo dos brasileiros, quando nos anos 80 migraram para outros países, uma margem percentual considerável ingressa no país de forma irregular, ou seja, sem documentos. Esses imigrantes são oriundos, principalmente, de países da América Latina, como Bolívia, Paraguai, Chile, Peru, Argentina e Colômbia, todavia citamos hoje o recebimento de pessoas provenientes da China, Coréia, Haiti⁴, Bangladeshi e dos diversos países do continente africano. De forma, que o endurecimento das políticas migratórias europeias e norte-americanas, a crise financeira mundial, o aumento de problemáticas ambientais e outros motivos podem vir a aumentar crescentemente do número de imigrantes no Brasil nos próximos anos.

O imigrante costuma ser visto pelo nacional como alguém exótico e diferente. Quando migra em direção ao trabalho, nem sempre é pobre e com pouca qualificação para o mercado de trabalho, mas denota a dificuldade das condições de vida do país de origem. Em razão da soma desses dois fatores (diferença étnica e pobreza), em regra acaba por ser discriminado.

Por outro lado, nas cidades é possível perceber que, ao levar às últimas consequências a precarização do trabalho, o modelo neoliberal de acumulação, contraditoriamente, obriga as pessoas a criarem novas formas de sobrevivência. Assim, ao invés de apenas vislumbrarmos somente um mundo do trabalho, existem muitos mundos do trabalho, geralmente submersos e dependentes do modo capitalista de produção. Portanto, o conceito de economia informal já não é convincente para explicar a diversidade e complexidade das atuais relações sociais existentes na rua.

A partir desse contexto, a observação cotidiana da rua nos despertou para suas múltiplas expressões sociais muitas delas invisíveis à vida cotidiana de pessoas “ocupadas” do mundo atual. Observa-se mais recentemente, ao passar nos sinais de trânsito, diversas pessoas trabalhando nestes, são malabaristas, pintores, homens e mulheres estátua, escultores, gente vendendo artesanato entre outros, muitos deles estrangeiros.

A partir dessas observações surgiu-nos o seguinte questionamento: Por quê Cano Quebrada, distrito da Cidade de Aracati, localizada no litoral leste cearense vêm recebendo muitos estrangeiros para o trabalho de rua? Pois notamos que não eram somente os brasileiros que exerciam essa atividade, mas observa-se com bastante frequência a presença de estrangeiros que se encontram nas ruas, nas praças e praias trabalhando com arte.

Movidos pela curiosidade e sensibilidade pela questão da mulher que trabalha com arte na praia de Canoa Quebrada, percebemos neste fenômeno uma nova e importante questão a ser discutida. A opção pela temática, portanto, nos moveu pela certeza de que esse fenômeno indica novas facetas e expressões sociais contemporâneas das migrações internacionais.

Assim, esse trabalho propõe a reflexão sobre a migração de mulheres estrangeiras que trabalham com arte nas ruas da praia de Canoa Quebrada-CE. O problema da pesquisa pautou-se em saber quem são essas imigrantes artistas, seu cotidiano de vida e condições sociais em que vivem.

A metodologia de pesquisa pautou-se num estudo qualitativo realizado através de entrevistas não estruturadas, que foram gravadas, com cinco mulheres migrantes que trabalham com arte nas ruas da praia cearense.

⁴ Muito embora os haitianos tenham o direito ao visto humanitário propiciando uma migração regular, muitos ainda têm entrado no país de forma irregular.

De acordo com a pesquisa realizada, o tema escolhido, mostra-se com pouca produção científica, ou seja, quase inexistente e, portanto, possui grande relevância técnica, social e científica. Assim acreditamos que o mesmo possa contribuir para suscitar, ampliar e aprofundar as discussões sobre os novos movimentos migratórios.

1 ENTRE ARTISTAS E MIGRANTES: CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES MIGRANTES ARTISTAS DE RUA

Seria oportuno destacar que, nos últimos anos observa-se que a população de artistas que trabalha nas ruas tem crescido, e que além dos brasileiros, há artistas estrangeiros. Destacamos, inclusive que a grande maioria dos que trabalham com arte nas ruas de Canoa Quebrada são estrangeiros.

As mulheres participantes da pesquisa todas eram de origem de países da América do Sul, de forma que compreendemos que estas chegam a Cano Quebrada através da capital Fortaleza. Três das cinco participantes entraram no país com visto de turista, mas no momento da entrevista a situação documental das participantes era irregular. Frisamos também que a média de idade entre as participantes variou entre vinte e três a trinta e sete anos.

Nas falas as entrevistadas responderam de que país são provenientes e há quanto tempo estão no Brasil.

Eu sou do Chile, estou há três semanas aqui, passei por Fortaleza, e vim para Canoa [...] (Chilena)^{5,6}

Estou aqui em Canoa há oito meses, mas antes já havia morado aqui. [...] Sou Colombiana [...] (Colombiana).

[...] Venho da Bolívia, sou Argentina [...] Estou aqui há quatro meses. (Argentina)

Tenho um ano e meio de Brasil, eu fiquei grávida e fiquei aqui [...] Sou argentina. (Argentina2)

Sou Peruana [...] Minha filha está com dois anos e três meses, então acho que estou aqui há dois anos e sete meses [...] (Peruana)

Podemos dizer que quase 90% das mulheres estrangeiras que nas ruas e na praia de Canoa Quebrada são latino-americanas, sobrevivem de suas pequenas apresentações artísticas e venda de sua arte. Com semblante forte, cabelos grandes ou dreadlocks⁷, às vezes algumas tatuagens estampadas no braço, roupas desbotadas ou coloridas. Geralmente elas estão com a mochila ao lado e nas mãos sua ferramenta de trabalho, àquelas que produzem artesanato sempre com um alicate e um arame, em frente um pano esticado no chão contendo uma diversidade de artesanato, outras nas mãos encontram-se, bolinhas ou clave para fazer seu malabarismo, e ainda umas com perna de pau e nariz de palhaço, oferecem a arte tradicional, do Circo.

⁵ Utilizamos os nomes dos países a que pertencem as nossas participantes da pesquisa para preservarmos suas respectivas identidades.

⁶ As mulheres deram seus depoimentos na língua de origem "o espanhol". Essas falas foram gravadas, transcritas e depois traduzidas para o português.

⁷ O **dreadlock** é uma forma de se manter os cabelos que se tornou mundialmente famosa com o movimento rastafári, consiste em bolos cilíndricos de cabelo que aparentam "cordas".

Conhecidos no senso comum como “hippies” (título amplamente rejeitado dentro do atual “movimento”), as “artistas de rua”, ou “malucas” (nomes pelos quais elas se reconhecem) são as protagonistas/atores sociais de uma expressão cultural que vem crescendo no Sul da América, que apresenta características singulares, comportando uma cosmovisão, práticas, estilos de vida, fazeres e saberes que conferem as matrizes características desta expressão.

Eu não sou hippie, hippies não existe mais [...] eu amo a arte o que faço é arte, para muitos isso não é arte, mas eu sei que é, faço arte na rua [...] (Chilena)

O movimento “hippie” surge no Brasil no final da década de 60, quando o movimento pareceu disposto a oferecer uma visão de mundo inovadora e distante dos vigentes ditames da sociedade capitalista. A ideologia era da Liberdade, tudo era uma questão de liberdade, drogas, roupas, algumas comunidades adotavam o nudismo, portanto, viver para os Híppies era uma questão de Liberdade. Eles pregavam o amor sem distinção e a não violência. Os Híppies defendiam o conceito “Paz e Amor”, negavam o nacionalismo, o patriotismo e as causas de violência e guerras. Defendiam os valores da natureza, e desconfiavam do poder econômico e militar. Eles estavam em desacordo com os valores tradicionais e das economias totalitárias e capitalistas. Os hippies adotaram um estilo de vida nômade deixando o conforto dos seus lares. Eles viviam em comunidades com outros hippies ou em comunas rurais. Adaptaram um modo de vida comunitário estando em comunhão com a natureza. Normalmente os *hippies* eram pessoas jovens que vinham de famílias ricas, e tinham uma visão muito crítica do mundo, contestando uma sociedade consumista.

Embora, o ideário dos hippies pareça corresponder aos ideários propostos pelas mulheres participantes dessa pesquisa, as mesmas afirmam não serem “hippies” e nem se considerarem desse movimento, conforme nos afirmou acima a entrevistada Chilena. Na fala dessa entrevistada ela afirma que é uma artista, o que faz é “arte na rua”, como ela mesma coloca.

[...] Eu sou filha do movimento hippie, misturando umas coisas, mistura da cultura. O movimento hippie acabou eles foram para guerra do Vietnã, o sistema acabou com os hippies, os hippies não trabalhavam, não faziam nada. [...] Eu sou artista da rua, eu gosto mesmo é de fazer malabarismo, mas não posso mais, a gravidez não posso mais (passa a mão na barriga) [...] (Colombiana).

[...] Sou artista de rua, as pessoas nos chamam de hippie, eu creio que Hippie não existe, morreu nos anos 60, tinham uma cultura particular, eu não me considero hippie. (Argentina)

Da mesma forma que a entrevistada Chilena afirma fazer arte e não pertencer ao movimento hippie encontra-se a mesma argumentação nas falas de Colombiana e Argentina, as quais reafirmam que são artistas de rua, ao mesmo tempo em que consideram que o movimento hippie acabou.

[...] Hippie não trabalhava, nós trabalhamos, o movimento hippie foi lá nos anos 60, agora não existe mais, o que existe são gente que gosta de viajar e a arte é o trabalho dessa gente [...] (Chilena).

Outro ponto de destaque é a questão do trabalho, pois para as mulheres estrangeiras a arte que praticam deve ser considerada como um trabalho. Essas mulheres reafirmam constantemente em todas as suas falas, que “trabalham com arte”. Esse

trabalho mantém sua sobrevivência no dia-a-dia. Realizam a “arte nas ruas”, enquanto trabalho que lhes dá a manutenção aos mínimos básicos, como a comida diária e por outro lado, lhes dá a satisfação de realização com algo que gostam de fazer. Além de considerarem um trabalho, afirmam que gostam de realizar este mudando de lugar constantemente através da viagem, assim consideramos que estas mulheres associam-se arte, lazer e trabalho.

A arte me faz conhecer lugares, pessoas, culturas, eu gosto disso. Trabalhando normal eu nunca conseguiria fazer isso. (Chilena)

A participante da pesquisa Argentina considera isso, um estilo de vida, mas pondera que o fato de “estar na rua”, normalmente lhes imprime um estigma e preconceitos com relação a este estilo de vida.

O nosso estilo de vida é resistência, sim. Isso eu tenho certeza, porque como eu já disse antes, pelo preconceito que a gente sofre, pelas más-condições de trabalho, pela insistência no modo de vida, apesar de tudo. Não vou dizer que é totalmente contra-cultura, porque eu também colaboro com a máquina, eu também pago imposto quando compro as coisas. Só que eu não pago imposto para trocar o meu trabalho. E é isso o que mais importa para mim: eu quanto menos impostos pagar para poder viver simplesmente, porque eu quero simplesmente viver, eu acho que isso é contracultura. As pessoas se chocam, tá entendendo? “Como esse pode tá sentado ali no chão, como pode tá comendo em cima de uma sacolinha?” Isso é contracultura. Hoje até os cachorros da rua tem mais direitos que a gente, ganham mais comida que a gente. Nada contra os cuscos, né, mano? Mas eu não sou cachorro não! (risos). (Argentina)

Assim, como o movimento hippie, a contracultura também é considerada um movimento que teve seu auge na década de 1960. Nesse ponto, havia convergência de ideários entre esses dois movimentos, pois os dois opunham-se a ordem vigente da época. No caso da contracultura esta teve lugar num estilo de mobilização e contestação social, utilizando novos meios de comunicação em massa. A defesa era de jovens pela inovação de estilos, pelos ideais de libertação, ou ainda, identificados como cultura underground, cultura alternativa ou cultura marginal, focada principalmente nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento, na busca de outros espaços e novos canais de expressão para o indivíduo. As mulheres entrevistadas afirmam fazer malabares e outras artes de rua.

Eu faço malabares, trabalho com bolinhas, claves, com fogo. Nós levamos arte para o dia da pessoa, e ela colabora como quer como pode. Uns colaboram com cinco reais, outros com cinquenta centavos, muitos não colaboram [...] (Argentina2)

Eu gosto de fazer malabares, mas não posso mais, aprendi a fazer essas coisas, e estou fazendo agora, vendo bem também. O preço depende, depende da peça, do tempo que demorou em fazer, do material, essa pedra aqui é da Patagônia, pedra típica da patagônia, não se acha em qualquer lugar. Muitas vezes eu pergunto quanto ele quer pagar [...] (Colombiana)

Embora, as afirmações acima denotem que uma mudança ideológica no perfil da população que trabalha com arte nas ruas, podemos afirmar que estas apresentam formas culturais de vida, que se expressam numa concepção político-ideológica singular própria dessas mulheres. Também podemos dizer que os tipos de arte que produzem a partir de seu ofício, exposto em espaços públicos das cidades, é possuidor de duplo caráter:

comercial (ligado à subsistência do artista) e cultural (valor simbólico, político e existencial). Desse modo, a arte gerada neste ofício está impregnada dos valores simbólicos, políticos e da cosmovisão⁸ deste grupo cultural, refletindo sua discordância com a lógica capitalista da produção em série e do acúmulo de capital (o que está explícito na prática artesanal da manufatura e na lógica não capitalista que norteia a negociação da contribuição pecuniária em troca do artesanato), seu ideal de simplicidade e negação da propriedade privada (geralmente expõe seu artesanato em um pano estirado no chão), constituindo-se também num dos modos como o artista comunica-se com a sociedade, compartilhando valores, conhecimentos e símbolos, já que, enquanto expõe e negocia sua arte, compartilha com o interessado sua história de vida e sua visão de mundo. Além disso, geralmente o artista procura obter com seu ofício apenas o necessário para a sua subsistência e manutenção de uma vida simples.

Considera-se, dessa forma, que a arte trabalhada pelas mulheres participantes dessa pesquisa constituiu-se através do hibridismo entre diversas técnicas, inclusive milenares, como o artesanato e o malabarismo. No caso do artesanato produzido por elas, apresenta técnicas como o macramê, festonê, malhas inglesas medievais, as filigranas portuguesas, o artesanato indígena, a escultura, a pintura, dentre outras, dando origem a um arsenal de técnicas reconfiguradas e adaptadas – malhas e correntes, trabalho com linhas, filigranas reconfigurado, trabalho com couro e diversas matérias-primas de países diferentes, modelagem com durepox, etc – absolutamente singular, o que resulta, associado aos tipos específicos de matéria-prima e instrumentos de trabalho, num artesanato “*sui generis*” e diversificado. Por outro lado, o malabarismo, é uma arte de circo, que também remonta séculos de existência, pois desde o antigo Egito até os dias atuais, muitas pessoas se esforçaram em dominar (controlar) objetos de distintas maneiras.

Tais ofícios não se constituem em uma profissão, mas consideramos aqui que estes fazem parte de uma peça imbricada num complexo sistema cultural, dialogando, relacionando-se e sendo atravessado em vários níveis por múltiplas facetas da “cultura” presente na artista de rua, não sendo possível analisar tal ofício isolando-o desta teia de sentidos que constitui tal universo cultural. Neste sentido, este trabalho não pode ser compreendido separadamente de uma prática característica da expressão cultural da artista de rua migrante, qual seja, a prática do nomadismo, que permitiu e permite: a ampliação das trocas e diálogos interculturais (a interação de artistas de vários locais, cada um com seu saber-fazer e destes com outras fontes de conhecimento, gerando um empoderamento e reconfiguração de diversas técnicas), a adaptação dos tipos, qualidades e quantidades de ferramentas utilizadas. Portanto, consideramos que o nomadismo possibilitou e possibilita a mestiçagem e reconfiguração de ferramentas e instrumental, além de gerar a necessidade deste instrumental ser portátil, passível de ser transportado pelo artesão, em suas constantes viagens, em sua mochila. Para a realização de seu trabalho, a artista recolhe matérias-primas variadas e como estas viajam constantemente por vários locais, podem recolher matérias-primas típicas ofertadas nestes lugares, além de realizarem trocas com as diversas pessoas que encontram.

Um ponto importante a ser destacado é a questão do valor recolhido através do trabalho, por ser este “informal”, vai depender do trabalho de rua e do que conseguirão retirar a cada dia, fato que demonstra total instabilidade financeira.

Um dia umas pessoas pediram para fazer uma entrevista, falaram que não iria sair nosso rosto, perguntaram coisas simples, de que países somos, por onde passamos. No outro dia no jornal do Estado estava nossa foto, na matéria dizia

⁸ Modo particular de perceber o mundo, geralmente, tendo em conta as relações humanas.

que nos ganhávamos por dia de cinquenta a setenta reais. Meu, nós não ganhamos isso, tem dia que não fazemos nem o do hostel, teve dia de chegar sete horas da manhã e ir embora às dez da noite e ganhar quinze reais.
(Argentina2)

É ainda importante demonstrar nesse estudo, a desmitificação do participante da pesquisa, porque normalmente considera-se que quem está na rua é alguém desqualificado no que tange a educação e a capacitação para o trabalho formal e aqui vamos apontar exatamente o contrário. Para isso, vamos nos reportar aos históricos de vida das artistas antes de saírem de seus países de origem. Portanto, as participantes da pesquisa afirmam que antes de viajar fazendo arte pelas cidades onde passam, destacam que estudavam, trabalhavam e viviam na correria das grandes capitais.

Estudei até o terceiro ano do ensino médio, trabalhei quatro anos em restaurante em Santiago, mas não aguentava o dia a dia, Santiago tudo é muito rápido. **(Chilena)**

Outras têm nível superior, e afirmam que a pressão do mundo do trabalho fez com que elas desistissem de trabalhar no mercado formal. Portanto, percebe-se que as mulheres participantes dessa pesquisa afirmam que possuem grau médio de escolaridade e que possuíam empregos formais em seus respectivos países de origem e acabaram contrapondo-se ao trabalho formal, rígido em seus horários e regras, escolhendo para si uma outra forma de vida.

Antes da arte eu estudei, estudei no colégio, acabei meus estudos, tenho graduação em desenho gráfico, acabei tudo. Depois saí para trabalhar não gostei. As pessoas são muito autoritárias, eu não gostei disso, os patrões são muito rígidos, muita cobrança. **(Colombiana)**

Antes eu estudava e trabalhava, já trabalhei de vendedora, auxiliar administrativa, um montão de trabalho eu já tive e eu não gostava de nenhum, todos eu me sentia mal, injuriada, pressionada. Eu estava estudando administração de empresas e o último trabalho que tive foi na área da administração de empresa, aí me dei conta que não era o que eu queria por toda minha via, então larguei o curso, faltavam quatro matérias. Então eu sabia fazer um pouco de artesanato e aprendi mais umas coisas com umas pessoas do meu bairro. Eu buscava algo, na verdade nem eu sabia o que eu estava buscando. **(Argentina)**

De acordo com a corrente teórica marxista, as formas de trabalho impostas no sistema capitalista são alienantes, pois nestas o trabalho deixa de ser uma manifestação essencial do homem, para ser um “trabalho forçado”, não voluntário, mas determinado pela necessidade externa. Por isso, o trabalho deixa de ser a “satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer necessidades externas a ele”. Nesse sentido, o trabalho não é uma feliz confirmação de si e desenvolvimento de uma livre energia física e espiritual, mas antes sacrifício de si e uma mortificação diária da vida humana. A consequência disso se expressa na profunda degeneração dos modos do comportamento humano, conforme podemos perceber nas verbalizações de nossas participantes da pesquisa.

Antes eu não estava nunca na minha casa, pois saía às seis horas da manhã e chegava meia noite, entre trabalho e estudo resumia meu dia. Buenos Aires é uma cidade grande, para se locomover demora de duas a três horas de ônibus para chegar ao trabalho e para ir à faculdade. Trabalhar com artesanato me

deixa comer com minha família, sentar e comer com a minha família, conviver mais com ela, pois havia dias que eu chegava e já estavam todos dormindo. Eu acordava todos ainda estavam dormindo. Antes eu não vivia, fazendo artesanato eu me encontrei, eu gostei. Trabalhar durante toda vida com que você não goste é como um castigo, se você gosta de seu curso bem, você fica feliz, mas quando você não gosta [...] Se eu seguisse eu seria hipócrita comigo. (Argentina)

Trabalhei quatro anos em um Cassino em Santiago, mas não aguentava o dia a dia, pois Santiago tudo é muito rápido, o que eu gostaria era de conhecer o mundo viajar, um dia na praça encontrei um grupo fazendo malabares e com eles aprendi, a arte me faz conhecer lugares, pessoas, culturas, eu gosto disso. Trabalhando normal eu nunca conseguiria fazer isso. (Chilena)

Nota-se nessas uma extrema insatisfação com o trabalho formal e desgastante do mundo contemporânea. Também afirmam a falta de convivência entre os seus, sendo esse um ponto de reflexão para a opção por um outro estilo de vida. Portanto, a insatisfação com a rotina diária que levavam foi um dos pontos-chaves para que estas decidissem abandonar a vida regrada do trabalho aliada a curiosidade por conhecer outros lugares, pessoas e culturas e o gosto pela arte e pelo ideal de liberdade parece ter sido a mola impulsadora para que estas pudessem tornar-se artistas de rua.

[...] Eu sempre olhava os artistas e achava interessante, queria entender o porquê viver assim, então comecei a trocar ideia com eles, em uma praça em Santiago, e fui conversando e gostei do pensamento da ideologia. [...] Ah...Eu não me achava, trabalha, trabalhava, estudava, mas sempre me faltava algo. Me apaixonei pelas ideias, eu encontrei o que tanto eu procurava. (Chilena)

Portanto, percebemos a partir dos relatos das entrevistas, que as imigrantes artistas de rua se caracterizam de forma peculiar, ou seja, transformam-se em artistas de rua a partir da insatisfação com a vida cotidiana e regrada nos moldes da sociedade vigente e consumista e opondo-se a essa forma optam por um novo modelo de vida pautado em atividades de arte expressos na rua, mas estes se fazem conhecidos através de grupos, os quais parecem influenciar opções. Assim, parece-nos que essas mulheres comportam uma gama de códigos morais específicos contrapondo-se a norma vigente, apresentados com uma estética peculiar e um estilo de vida, o qual se relaciona ao nomadismo, à postura marginal (à margem do establishment⁹) e a práticas específicas construindo uma característica própria assumida pela forma de vida que levam.

2 A CORRELAÇÃO ENTRE O MOVIMENTO HIPPIE E AS ARTISTAS DE RUA E SUAS PERSPECTIVAS PARA A VIDA FUTURA

Apesar das participantes não se identificarem como hippie e negarem ser parte desse movimento, é possível identificar muita semelhança entre as atuais artistas de rua e o movimento hippie da década de 60. Talvez, pudéssemos nos arriscar a dizer que estas são uma espécie de remanescentes modernos desse movimento, mas não podemos desconsiderar que estas não se consideram uma geração moderna hippie. Desse modo, preferimos considerá-las como elas mesmas se denominam como “artistas de rua” simplesmente.

Podemos afirmar que o movimento que elas fazem parte tem se construído com muito reflexo dos ideários do movimento hippie, porém com algumas diferenças, isso

⁹ Establishment refere-se à ordem ideológica, econômica e política que constitui uma sociedade ou um Estado.

mostra a dialética do movimento, o “velho” movimento hippie sendo substituído por um novo movimento. Para Marx esse processo de substituição do velho pelo novo se caracteriza na “Lei da Negação da Negação”¹⁰, ou seja, a transformação de um fenômeno no outro, seja qual for o fenômeno, há sempre uma contradição entre o velho e o novo. Em qualquer esfera da realidade material ocorre constantemente o processo de esgotamento do velho, do caduco, e de aparecimento do novo. Para Marx em *nenhuma esfera pode ocorrer um desenvolvimento que não negue suas formas anteriores de existência*. (CIRNE, 1994)

Por fim, é possível destacar o que esse grupo de mulheres espera para a vida futura, sem grandes ambições ou desejos, mas pela continuidade de viver a mesma a vida atual, principalmente no que tange às constantes viagens.

Eu vou ficar aqui um tempo até que ela possa viajar, até os cinco meses, depois queremos ir a São Paulo comprar uma Kombi. Porque a Kombi cabe tudo, nossas coisas do malabares, as coisas da menina nossos gatos, temos nove gatos (risos). E viajar, é o que queremos da vida. (Colombiana)

[...] Eu penso em ter filhos, mas não agora, quero rodar o mundo primeiro, quero conhecer lugares que ainda não conheço. Com filho isso é mais difícil, mas eu conheço muita maluca que viaja com seu filho, seu companheiro e sua mochila. (Argentina)

No caso específico da participante da pesquisa Colombiana, que estava grávida no momento da realização da pesquisa, essa coloca que ficará em Canoa Quebrada até que a criança complete cinco meses para que possam voltar a viajar. Na sua fala ela expressa mais uma vez uma rejeição ao sistema, em particular ao sistema convencional da educação escolar, contrapondo que sua filha recebera a uma educação domiciliar.

Estudo, ela não. Estudo é uma forma de o sistema preparara autômatos, autômatos são pessoas que só fazem a ordem não pensam, isso é lamentável. A escola é um cárcere, você tem que cumprir um horário, se o professor fala que isso é vermelho, é vermelho, é temos que acreditar. Isso eu não quero pra minha filha, eu quero que ela questione, questione os problemas da realidade social. O que contam na escola para nós sobre a história é mentira. Eu posso ensiná-la parte da história, matemática, ler e escrever. Depois se ela falar aos 10 anos que quer estudar na escola, eu vou deixar, mas se ela não quer, não vai, ela vai ser livre. O nome dela vai ser Liberdade. (risos). (Colombiana)

Outras reconhecem a educação formal, a entrevistada Argentina2 afirma ainda que gostaria que sua filha estudasse no Brasil. Isso demonstra que não há um consenso ideológico entre as artistas de rua.

Até os quatro anos dela nós queremos viajar por todo Brasil e pela América do Sul, queremos ir à Argentina para que seus avós a conheça e até o Uruguai para que a mãe dele conheça a netinha. Mas com quatro anos ela tem que ir à escola, nós queremos que ela estude aqui no Brasil, de preferência em Canoa, eu gostei muito de Cano. (Argentina2)

Eu quero viajar, ainda não conheço o norte do Brasil, tenho muita vontade de ir à Amazonas, nós estamos juntando um dinheiro e iremos para o norte. Já estamos aqui há quase dois anos, quero ir para o norte, quem sabe moraremos por lá. (Peruana)

¹⁰ Um dos princípios da dialética defendida por Marx e Engels.

Podemos afirmar que todas as participantes da pesquisa têm como perspectiva futura dar continuidade as viagens, conhecer países, cidades, lugares que ainda não conheceram. Por fim, vale destacar que as ideologias entre elas muitas vezes não são consensuais, ou seja, há uma variação de pensamentos, perspectivas e visão de mundo entre elas.

3 A FALTA DE ACESSO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS

A ideia de que o brasileiro é um povo receptivo parece ser consenso. Todavia, um olhar mais aprofundado sobre como o país recebe em seu território tanto turistas como imigrantes revela o oposto: somos extremamente fechados, com uma legislação herdada do período militar, que trata o migrante como um inimigo em potencial. O fenômeno da migração deve ter como resposta uma política de defesa dos direitos humanos.

Não há espaço para um tratamento policial para esses indivíduos. São pessoas vulneráveis, que saem de seus lares em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Assim, devem ter os direitos sociais garantidos, conforme determina a Constituição Federal. (Cutrim, 2014, p. 11)

Podemos dizer que quase 90% das pessoas que trabalham com arte são latino-americanos, e sobrevivem de suas pequenas apresentações artísticas. Duas das mulheres entrevistadas alegam estarem em situação regular¹¹ no país. Acreditamos que uma grande parte dos imigrantes latino-americanos que encontram-se trabalhando com arte na praia de Canoa Quebrada não possuem documentação regular para garantir a sua permanência no Brasil.

[...] Sim tenho todos papeis, não estamos ilegal. Cheguei por Corumbá, gastei muito dinheiro lá, pois tudo é muito caro. (Chilena).

Assim, as mulheres latino-americanas artistas entram no Brasil, como possíveis “turistas” podendo ficar por até três meses de acordo com autorização prévia concedida pela polícia federal que está na recepção de fronteira, porém muitas vezes essas mulheres não cumprem com o prazo estabelecido de permanência no país, e por um motivo ou outro acabam se estabelecendo na praia. Entre as cinco entrevistadas, três afirmaram estarem em situação irregular.

[...] Visto não, estou como ilegal, só me deram um mês para ficar aqui, como eu estou grávida não pude ir embora. E prefiro ter minha filha aqui no Brasil. (Colombiana)

A Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de todos os Trabalhadores Migrantes e de seus Familiares, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 18 de dezembro de 1990, define a categoria "Migrantes indocumentados ou em situação irregular" como "aqueles que não foram autorizados a ingressar, permanecer e a exercer uma atividade remunerada no Estado de emprego, de acordo com as leis desse Estado e os acordos internacionais em que esse Estado seja parte" (art. 5º, letras "a" e "b").

¹¹ Situação regular ou irregular reporta-se a deter ou não o visto permanente para moradia e trabalho no Brasil.

Eu ainda estou ilegal, mas como tive minha filha aqui eu posso entrar com o pedido de naturalização. Tem muita gente ilegal, porque na fronteira eles dão pouco tempo, eles deram três dias para mim, e na hora de tirar o visto se eles verem as coisas do malabares, eles já não deixam entrar. Eu cheguei ano passado eles já não queriam deixar entrar devido à copa do mundo [...] Há... Malabarista veio tirar grana das pessoas no sinal [...] mas aqui dentro é bem diferente, já não tem esse preconceito, essas coisas.” (Argentina2)

Uma série de fatores confere aos migrantes internacionais indocumentados uma situação de vulnerabilidade, pois os mesmos se encontram entre os grupos socialmente mais excluídos, pois estes são invisíveis pela ausência de documentos. Embora permitam parcialmente aos imigrantes em situação irregular gozar de alguns direitos fundamentais, são extremamente excluídos e marginalizados, são invisíveis aos olhos de muitos responsáveis políticos. Ser imigrante em situação irregular não é somente ter carência de direitos e aos enormes obstáculos que encontram para terem acesso aos serviços sociais, consequências isso gera a exclusão social dessa população.

Uma questão levantada aqui, dentre muitas outras que poderiam ser abordadas, está a questão da gravidez das mulheres migrantes artistas de rua. A gravidez nesse caso específico, ao mesmo tempo que apresenta à essa mulher uma situação de vulnerabilidade pelo exercício do trabalho nas ruas, muitas vezes funciona como estratégia de sobrevivência e permanência no país, como alega a entrevistada Argentina2.

Aqui no Brasil, um gatinho nosso tinha uma doença na pele, o gatinho pegou a doença e logo nós pegamos também, nós pensamos que fosse leishmaniose, porque aqui tem muita leishmaniose. Fomos ao posto de saúde, atenderam muito bem só com o passaporte nosso. Falaram que não era leishmaniose que era só uma micose, nos deram medicamento e pomada. (Colombiana)

Independentemente da situação do imigrante em solo brasileiro, ele poderá utilizar alguns dos equipamentos e serviços previstos pelas políticas públicas da área da saúde e da assistência social. Conforme o artigo 196 da Constituição, a saúde é direito de todos e dever do Estado, portanto, a universalidade é a garantia de acesso de toda a população aos serviços de saúde, em todos os níveis de assistência. Ou seja, todos devem ter acesso gratuito, não importando o sexo, idade, religião, raça, cor, origem ou nacionalidade, portanto a universalidade é a garantia de acesso de toda a população aos serviços de saúde, em todos os níveis de assistência.

Quando se trata de saúde pública, é garantido que qualquer pessoa seja atendida, mesmo sem portar qualquer documento de identificação, como RG, CPF, RNE¹², passaporte, cartão do SUS¹³, entre outros. Porém, verificamos muitas vezes o descumprimento da Constituição e uma omissão do Estado.

Eu fiz somente uma ultrassom, juntei dinheiro e paguei, pois não consegui fazer o pré-natal pelo SUS, pois não tenho o cartão, não consegui fazer o cartão, pois estou ilegal. Fui em Aracati para fazer o cartão, elas falaram que não poderiam fazer, me mandaram ir no CRAS, foi a mesma coisa, não teve

¹² RG; abreviatura de Registro Geral: registro numérico das cédulas de identidade, no Brasil. CPF; abreviatura de cadastro de pessoas físicas é o registro de um cidadão na Receita Federal brasileira. RNE; abreviatura de Registro Nacional de Estrangeiros.

¹³ O Cartão Nacional de Saúde é um instrumento que possibilita a vinculação dos procedimentos executados no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) ao usuário. A partir desses cadastros, os usuários do SUS e os profissionais de saúde recebem um número nacional de identificação.

como. Não tomei medicamento só fiz essa ultrassom e o médico falou que estava tudo bem. (Colombiana)

Eu não pude fazer nenhum exame, acompanhamento da minha gestação, pois não tinha a carteirinha do SUS, na verdade não tenho ainda. Eu consegui registrar minha filha e até agora não consegui fazer o cartão dela, muita burocracia, ninguém sabe te informar, ninguém sabe como fazer. (Peruana)

Observamos que a política pública de saúde demonstra estar despreparada para receber essa demanda. Os relatos das imigrantes sobre barreiras enfrentadas diariamente no acesso à rede de saúde, como discriminação, desinformação, desrespeito à diversidade cultural e despreparo dos profissionais no atendimento.

Eu fiquei esperando até a hora dela nascer, quando senti as dores, fui no hospital, eles não queriam me atender, devido ao passaporte. Meu companheiro ficou bravo e falou que ele sabia que eles eram obrigados a fazer o parto. Então o médico falou umas coisas e foi fazer meu parto. (Argentina2)

Pelas falas vemos que as entrevistadas tiveram muita dificuldade de acessar outros níveis de atenção à saúde, o acesso ao nível terciário, que é composto pelos hospitais de referência, onde são realizados os procedimentos de alta complexidade, como por exemplo, o parto foi mais fácil. Porém ao se tratar do nível primário, ou atenção básica, que constitui a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação e a manutenção da saúde a dificuldade em acessar foi constatado por todas.

[...] Como é minha primeira filha estou com um pouco de medo, receio, sei que eles são obrigados a fazer o parto [...] Vou esperar até à hora de nascer, aí vou até o hospital. (Colombiana)

Percebe-se também que há uma falta de informação e de preparo adequado de profissionais de diversas áreas do sistema de saúde, enfermeiros e médicos, quanto às especificidades da questão migratória e direitos dos imigrantes.

Ramos (2010) aponta que o nascimento de uma criança em situação migratória favorece e acentuam distúrbios culturais e psicológicos que são, também, verificados nas mulheres autóctones das sociedades ocidentais, distúrbios fortemente ligados ao isolamento e solidão das mães e à cultura do individualismo, valor fundamental da sociedade atual. Para as mães migrantes, esta situação constitui um drama e é fonte de sofrimento, sobretudo para as que vêm de meios tradicionais, onde a mãe e a criança são fonte de cuidados de toda a família e da comunidade envolvente.

Ramos (2010) ainda pontua que tradicionalmente a gravidez constitui um processo onde a futura mãe tem o apoio e acompanhamento das mulheres da família e do grupo. A migração origina numerosas rupturas neste processo de partilha e de construção de sentido: perda de acompanhamento pelo grupo falta de suporte familiar, social e cultural e impossibilidade em dar um sentido culturalmente aceitável a disfuncionamentos, tais como a tristeza e sofrimento da mãe, o sentimento de incapacidade, as interações mãe - criança desarmoniosas. Em contexto migratório a família separa-se da vida comunitária tradicional, reduz-se a uma família nuclear, a qual deverá assegurar sozinha as responsabilidades partilhadas.

Foi difícil registrar ela, mas graças a Deus consegui. Eles queriam meu passaporte e de meu companheiro, nós não temos viajamos só com a carteira de identidade, então nós nunca tiramos passaporte. Então a moça fala que tinha que tirar passaporte, que tinha que tirar passaporte. Para tirar

passaporte eu tinha que ir à Argentina, como iríamos viajar com a nossa filha sem certidão de nascimento, estamos ilegal, como ela tinha dias, como eu iria viajar assim. e moça continuava afirmando que não podia tirar a certidão sem passaporte, eu falava pra ela como vou fazer isso, e ela falava não sei não, só registra com o passaporte. Eu briguei muito para conseguir registrar, quase dois meses. (Argentina)

O imigrante poderá utilizar também alguns dos equipamentos e serviços previstos pelas políticas públicas da assistência social, a exemplo do serviço de acolhimento institucional. Esse serviço de caráter provisório integra a proteção social especial de alta complexidade da política nacional de assistência social, sendo destinado a pessoas e grupos com direitos violados e com vínculos familiares e comunitários rompidos ou na iminência de se romperem. Possui estrutura para acolher, com privacidade, pessoas do mesmo sexo ou grupo familiar, desde que em situação de rua e desabrigo por abandono, migração e ausência de residência ou, ainda, pessoas em trânsito e sem condições de autossustento.

[...] Já teve dia de não conseguirmos o dinheiro para pagar o hostel onde ficamos, dormimos na rua mesmo, isso sabemos que pode acontecer, e dormir na rua uma noite não mata ninguém [...] Às vezes um outro maluco paga nossa diária, mas às vezes ninguém tem como te ajudar.[...](Chilena)

No entanto, como podemos perceber na fala da Chilena, o que costuma acontecer, na maioria dos casos de imigrantes irregulares, é o desconhecimento acerca dessa alternativa e o recebimento de ajuda por parte da sociedade civil por meio da solidariedade.

Outra questão pontuada pelas imigrantes é a aquisição da nacionalidade brasileira. Estão previstas em lei as possibilidades de aquisição da nacionalidade brasileira por estrangeiros, ou seja, as hipóteses de naturalização, também conhecida como nacionalidade derivada, adquirida ou secundária: art. 12 da Constituição Federal de 1988; e Lei Federal 6.815, de 1980, ou Estatuto do Estrangeiro. Esta última também determina, entre outras coisas, as hipóteses de extradição, instituto que regula a entrega de um indivíduo a seu país de origem mediante solicitação deste em função da necessidade do cumprimento de pena em território nacional ou de que o indivíduo seja submetido a julgamento por tribunal nacional

Pelo Estatuto do Estrangeiro, de 1980, o visto permanente só pode ser concedido a pais e cônjuges de pessoas nascidas no Brasil, vítimas de tráfico de pessoas, refugiados ou asilados e pesquisadores estrangeiros. Há também vistos temporários, para estudar ou trabalhar no Brasil. O estatuto impede, por exemplo, que os imigrantes regularizados possam votar ou ser eleitos.

Eu tenho direito a ter cidadania brasileira, mas tudo é tão burocrático que vou preferindo ficar como estou, pois, tudo tem custo também, tudo temos que pagar e tudo é muito caro. (Argentina2)

De acordo com Jesús Martín-Barbero:

[...] Essas “cidadanias culturais” não somente inscrevem as “políticas de identidade” dentro da política de emancipação humana, como também repensam profundamente o próprio sentido da política, colocando em evidência até que ponto as instituições liberais democráticas ficaram pequenas para acolher as múltiplas figuras da diversidade cultural que tencionam e rompem as nossas sociedades justamente porque elas não cabem nessa institucionalidade” (Barbero, 2010).

Relacionar a migração ao acesso às políticas é falar da integração dos migrantes no corpo social das instituições, mas pelas falas vimos às dificuldades em acessar essas políticas. Com isso é visto a necessidade de aperfeiçoamento das políticas e da gestão pública, preparando gestores e profissionais da saúde para atender esta demanda das populações imigrantes que possui especificidades e vulnerabilidades diferenciadas e que exigem a adoção de estratégias que deem a garantia dos direitos no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou contribuir para uma reflexão acerca de uma das novas expressões da questão social: a mulher imigrante que trabalha com arte nas ruas da praia de Canoa Quebrada-CE, com isso nova demanda social surge e refletirá inclusive nas políticas públicas.

As migrações internacionais trouxeram novas características e significados ao longo das últimas décadas. No contexto da migração contemporânea, o Brasil tem se tornado receptor de muitos povos, oriundos de vários países. A partir dos estudos bibliográficos realizados percebe-se que a migração de sul-americanos, se comparado com a migração de outras regiões, tem ganhado proporções consideráveis. A reestruturação produtiva e o contexto internacional têm produzido efeitos nesta área, no sentido de impulsionar novas modalidades de transferências populacionais.

A migração de artistas de ruas cresce na praia de Canoa Quebrada, pois suas belezas naturais torna-se a conexão para a mobilidade. Partindo dessa migração, o presente estudo teve como objetivo caracterizar e compreender a vida das mulheres imigrantes que trabalham nas ruas da praia de Canoa Quebrada-CE. O recorte da nossa pesquisa foi dado às mulheres que trabalham com arte, pois conforme os estudos entendeu-se que a arte tem uma função social dentro da sociedade capitalista, e é por meio da arte popular que essas mulheres imigrantes se expressão.

Mesmo tendo limitações, o trabalho demonstrou que essas artistas são protagonistas/atores sociais de uma expressão cultural que apresenta características singulares, comportando uma cosmovisão, práticas, estilos de vida, fazeres e saberes que caracterizam essa expressão. Possuem uma postura aparentemente nômade, viajante, mas por motivos diversos acabam se fixando por um período na cidade. Entres os motivos que levam as imigrantes permanecerem na praia é engravidarem no período que estão na cidade. No senso comum elas são nomeadas de “hippies”, porém durante as entrevistas todas as participantes negaram fazer parte desse movimento, apesar de terem várias características que se assemelham ao movimento hippie que nasceu nos anos 60.

A análise dos dados permitiu comprovar quem são as imigrantes artistas que trabalham nas ruas da praia de Canoa Quebrada, seu cotidiano de vida e condições sociais em que vivem. Pode-se dizer que junto com a migração novas expressões da questão social surgem. Desta forma, emergem problemáticas de atendimento social a essas mulheres, como: saúde, educação, moradia, entre outros, gerando obrigações ao estado cearense.

Neste contexto as migrações contemporâneas embutem novos significado, seja no processo imigratório temporário ou não, existe a necessidade de pensar políticas, programas e projetos para essa população. Pelos diversos motivos explanados ao longo do trabalho, ressalta-se que as migrações contemporâneas exigem que se pensem em dimensões publicas capazes de dialogarem em prol da garantia dos direitos fundamentais dos imigrantes, levando em consideração as diversas identidades culturais existentes e o atual fluxo migratório no país.

Pode-se, então, afirmar que a questão da imigração de artistas de rua é pouco abordada na academia e, dentre as produções teóricas das ciências sociais e humana, essa temática se torna quase inexistente. Porém existem profissionais e pesquisadores fazendo contribuições significativas sobre a temática, culminando em teses de mestrado e doutoramento. É importante que profissionais, docentes e estudiosos comecem a investir na temática, pois novas exigências se colocam para sociedade.

Torna-se necessário que as reflexões seja realizadas, principalmente no que diz respeito à possibilidade de interpretação das expressões dos sujeitos e, além disso é preciso desvelar as refrações da questão social em todos os contextos onde ela se expressa.

REFERÊNCIAS

- BARBERO, Jesus Martín. **Desafios políticos da diversidade**. In: Revista Observatório Itaú Cultural. n°8. Acessado em: 06 de Novembro, 2014. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/001516.pdf>
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 2008.
- BRASIL. **Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias**. ONU, 1990.
- BRASIL. **Estatuto do Estrangeiro: Lei 6.815/1980**. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-6815-19-agosto-1980-366138-norma-pl.html>. Acesso em 10-05-20.
- CIRNE, LIMA, C. **Dialética para principiantes**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.
- COMIGRAR. **Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio 1**. Caderno final de propostas, 2014, São Paulo. Disponível em: <http://www.participa.br/comigrar/migracoteca/documentos/comigrar-caderno-de-proposta-posetapanacional.pdf#.VIJiqDHF--Y> Acessado em 12-03-20
- RAMOS, N. **Migração, aculturação, stress e saúde**. Perspectivas de investigação e de intervenção. *Psychologica*. 2006. 41, 329-350.
- RAMOS, N. (org.) **Saúde, Migração e Interculturalidade**. João Pessoa: EDUFPB, 2008